

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM ADOLESCENTES QUE SOFRERAM EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL

Dayana Souza dos Santos
UnP – Universidade Potiguar

Resumo

A presente obra objetivou compreender como se dá a produção de subjetividade em adolescentes que vivenciaram a exploração sexual comercial, a partir de análise das falas contidas nos diários de adolescentes, presente no livro “As meninas da esquina”. Tem como embasamento teórico a perspectiva social, com o intuito de analisar o fenômeno na sua totalidade, levando em consideração o contexto social e familiar. Serão abordados temas como a produção de subjetividade, uma breve história das políticas de proteção à criança e ao adolescente, e por fim o tema que permeia nossa pesquisa a exploração sexual comercial de adolescente que estudaremos em profundidade seus conceitos e classificação. A metodologia utilizada foi à análise de conteúdo temática, e com base nesta perspectiva designamos três categorias no intuito de atingir os objetivos propostos, as quais são: Categoria (1) como as adolescentes pensam suas vidas no mercado do sexo; Categoria (2) Fatores que levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA e categoria (3) modos de vida de adolescentes que vivenciaram o mercado do sexo. Assim concluímos que a exploração sexual comercial reflete nossa sociedade capitalista que exclui todos aqueles que não podem consumir e para ser inseridos nesta lógica é necessário participar do meio onde se perde a dignidade humana e onde os direitos são violados, mercado do sexo.

Introdução

Nossa sociedade contemporânea se caracteriza pela sua lógica do consumo advindo do capitalismo, tendo como consequência socioeconômica a exclusão social. O tema exploração sexual comercial está envolvido nessa lógica econômica mercadológica, e tem mobilizado algumas instâncias públicas, com o intuito de garantir e defender os direitos da criança e do adolescente. Assim, diante dessa problemática, nosso trabalho objetivou compreender como se dá a produção de subjetividade em adolescentes que vivenciaram a exploração sexual comercial, a partir de análise do discurso presente no livro “As meninas da esquina”.

No entanto, foram designados os seguintes objetivos específicos com intuito de percorrer um caminho e cumprir com os objetivos, partindo da revisão de literatura até a

análise de conteúdo: Investigar como as adolescentes pensam suas vidas a partir de sua vivência no mercado do sexo; Identificar que fatores levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA; Analisar os modos de vida das adolescentes que vivenciaram o mercado do sexo. O que sustenta as redes de exploração é a oferta decorrente da vulnerabilidade, da exclusão social e da procura, onde o cliente se beneficia pela impunidade ou por vivermos em uma cultura altamente machista.

Nossa discussão teórica girou em torno de três capítulos: o primeiro discutiu sobre produção de subjetividade, conceituando-a com base na Filosofia da Diferença, de acordo com autores como Felix Guattari, Gilles Deleuze, Roseane Silva e Sueli Rolnik. O segundo dá um panorama geral sobre a História das políticas públicas para crianças e adolescentes no Brasil. O terceiro capítulo fala sobre a temática principal do nosso trabalho, qual seja, a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, buscando conceituar e classificar este fenômeno. No capítulo seguinte, fazemos algumas considerações sobre o método utilizado em nossa pesquisa, assim como as análises empreendidas. No quinto e último capítulo apresentamos trechos dos diários de seis adolescentes presentes no Livro “As meninas da Esquina”, e a análise destes a partir de eixos temáticos pré-estabelecidos, tecendo uma conversa com os teóricos citados no presente trabalho, incluindo entre eles a autora Glória Diógenes com seu livro “Os setes sentimentos capitais” e com as impressões analisadas na obra. Por fim, apresentamos as considerações finais desta monografia.

Convidamos você leitor a caminhar conosco por essa obra, onde sua construção foi árdua e angustiante, mas prazerosa. Vamos conhecer um pouco mais e problematizar esse fenômeno da Exploração Sexual Comercial que tem afetado milhares de crianças e adolescentes e ferido os seus direitos.

Produção de subjetividade: Conceituação ao longo da História

O homem é um objeto de estudo não só das várias psicologias em si, mas das ciências humanas no geral, no entanto, busca-se entender como a Psicologia torna o homem considerado entidade genérica em sujeito, e como ele é construído, caracterizando o olhar psicológico moderno entre as ciências humanas.

Na construção acerca da concepção subjetiva existiram algumas contribuições por parte de acontecimentos históricos como o surgimento do humanismo renascentista nos séculos XIV e XV nas artes e na filosofia, a reforma na Igreja Católica no século XV e a origem do Iluminismo no século XVII, o qual afirmava que o homem era o centro, e não mais

o poder do clero, buscava-se problematizar o sujeito na filosofia, nas ciências e no cotidiano. “Estes acontecimentos são fundamentais para o nascimento de um conhecimento psicológico de cunho científico justamente porque demonstram uma primazia de atenção ao sujeito” (MARTINS e PRADO FILHO, 2007, p.15).

Segundo, Miranda e Soares (2009) após o século XIX, a psicologia ao modo que se desvinculava da filosofia e se tornava um saber científico trazia pra si a subjetividade como objeto de seu próprio estudo. Inicialmente ela é estudada pela psicanálise, depois passa para as psicologias, e só com um tempo é problematizada em termos históricos, sociais e políticos, caracterizada como produção de subjetividade. Essa perspectiva da subjetividade tem como objetivo explicar o fenômeno com base nas suas diferenças. (MARTINS e PRADO FILHO 2007, p.16).

Inicialmente a subjetividade surge na ciência como algo negativo, já que se buscava sempre ser neutro ao pesquisar, pois a subjetividade poderia contaminar, ao contrário dos pesquisadores contemporâneos que afirmam a importância da participação dela no jogo do conhecimento, da mesma forma acontece com o poder, quando Foucault faz ligação, pontuando que toda relação de saber implica poder, conseqüentemente, existe produção de subjetividade. (MARTINS e PRADO FILHO 2007).

Produção de Subjetividade na concepção da Filosofia da Diferença

Com base na visão teórica da Filosofia da diferença, entendemos que o processo de subjetivação se dá de acordo com processos históricos, regras e normas que são implantadas pela sociedade, e do contexto onde se vive. Cada espaço social produz um modo de existência, entretanto o sujeito também participa deste processo, ou seja, o social age sobre ele e ele também age no social, ele é um ser ativo no processo. Subjetividade é a produção de modos de existência (SILVA, 2005). Ao contrário do que é pregado pela filosofia e ciências naturais, Guattari e Rolnik (1985) falam de uma “subjetividade industrial, maquínica”, ou seja, “fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI e ROLNIK, 1985, p.25) pela lógica capitalista, possibilitando uma produção de subjetivação universal, não se restringindo a um grupo social, a uma casta, por exemplo, como pregam os sistemas tradicionais. A produção de subjetividade é considerada uma matéria-prima, que potencializa crescimento de grandes setores industriais.

Essa produção de subjetividade em nenhum momento pode ser vista como produção individual, é resultado de uma produção de massa, a cultura também faz parte dessa produção, ao ponto de produzir nas pessoas de uma determinada sociedade algo que pode não fazer sentido para outras.

A subjetividade pode ser vivida pelos indivíduos de duas formas, oscilando em dois extremos: uma é a relação de alienação e opressão, onde o indivíduo se assujeita ao que lhe é posto, e a outra é a relação de expressão e de criação onde o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que Guattari classifica de singularização (MIRANDA e SOARES, 2009).

Políticas públicas para adolescentes no Brasil: Uma História

Ao passar um olhar sobre a história da infância e da adolescência, observamos o quanto não foi e não tem sido fácil para essas duas fases viverem em nosso país, em especial crianças e adolescentes que pertencem à classe baixa. Em 1543 nasce no Brasil a Santa Casa de Misericórdia, com o intuito de auxiliar pessoas necessitadas, principalmente com cuidados médicos, porém com o tempo passou a receber crianças abandonadas, chamadas de expostos, os deserdados da sorte. Ela funcionava aos moldes religiosos, mas, quem tomava conta eram os nobres classificados como homens de bem ou “Provedores da Misericórdia”, os quais também adquiriam recursos para custear a casa.

O Brasil no período da independência estava repleto de problemas, principalmente nos centros urbanos, onde existia uma maior concentração de pessoas, o Rio de Janeiro depois que passou a ser sede do governo, após a chegada da família real portuguesa, tornou-se uma cidade inchada. Houve aumento na criminalidade, sem falar que só o fato de andar nas ruas, já era motivo de prisão, com base nas normas morais da época, e depositados nas Casas de Correção, da mesma forma acontecia com as crianças e os adolescentes (BAZÍLIO; SANTOS; SÁ EARP, 1998). Ao se tornar república, o Brasil herda do Império os problemas sociais e econômicos que só fizeram aumentar a criminalidade e o abandono de crianças. (COUTO e MELO, 1998).

É quando surgem as ideias higienistas que influenciaram diretamente o atendimento do Estado à infância, os médicos e juristas ficaram responsáveis pela luta de novas formas de assistência (COUTO e MELO, 1998). Os juristas na época lutavam por outra causa, a criação de uma lei que julgasse os menores. O chamado menor que cometia alguma infração, por

muito tempo não recebia assistência por parte de nenhuma instituição. Essa luta perdurou por alguns anos, então surgiu o Juizado de Menores em 1923 e o Código de Menores entra em vigor em 1927(COUTO e MELO, 1998).

Em 1941 é criado o SAM (Serviço de Assistência ao Menor), pelo presidente Vargas com objetivo de melhorar a assistência à infância, através do apoio público as instituições privadas existentes, orientando-as de acordo no seu funcionamento de acordo com os conhecimentos científicos advindos das pesquisas realizadas. (COUTO e MELO, 1998).

Após o SAM surge a Fundação Nacional de Bem Estar do Menor (FUNABEM) na época do Golpe Militar de 1964. A FUNABEM faz modificações nas categorias dos menores, classificando os que antes eram chamados de menores moralmente abandonados de menores carentizados e os delinquentes de menores de conduta anti-social. Em 1979 é criado por um grupo de Juristas e Juizes de Menores e aprovado no Congresso o novo Código de Menores, o qual cria a categoria do menor em situação irregular. Em 12 de abril de 1990, a FUNABEM foi excluída e no mesmo ano o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que visa mais o direito da criança do que o dever entra em vigor (COUTO e MELO, 1998).

O movimento que deu origem ao ECA possibilitou a regulamentação de princípios básicos que instituiu os direitos e descreveu os deveres dos atores em questão, então a partir da formulação do ECA houve mudanças na legislação de menores: a criança passa ser um sujeito de direito, a falta de recursos não era mais o motivo de os pais perderem a guarda de seus filhos (Pátrio Poder), o adolescente passou a ter sua liberdade respeitada, a menos que fosse pego em flagrante cometendo um delito ou fosse internado em uma instituição por ordem judicial, o direito de defesa não se restringia apenas ao Ministério Público, mas a outros atores, a internação de menores passou a não ocorrer por tempo indeterminado, à posição do magistrado não era mais absoluto(COUTO e MELO, 1998).

Um dos instrumentos de garantia e defesa de direitos de crianças e adolescentes é o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Criança e Adolescente o qual foi aprovado em 2000, em assembleia ordinária do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente (CONANDA)¹. O presente plano tem como objetivo “criar, fortalecer

¹ O CONANDA é um órgão ligado a outro órgão da Presidência da República, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) e foi instituído pela Lei 8.242/1991.

e implantar um conjunto articulado de ações e metas fundamentais para assegurar a proteção integral à criança e ao adolescente em situação ou risco de violência sexual” (MELLO, 2010, p. 42).

Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes

Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes conceituam-se como o ato dos exploradores sexuais comercializarem e abusarem dos corpos de crianças e adolescentes no mercado do sexo. Às vezes os próprios pais fazem parte deste comércio.

Ao passo que se explora sexual e economicamente o corpo de uma criança e adolescente, pratica-se uma violência, um abuso, comete violação dos direitos e um crime. Esse mercado onde ocorre a comercialização pode ser local ou global e por funcionar fora da lei é considerado clandestino. Há uma articulação entre o mercado do sexo e a indústria pornográfica, e geralmente funciona legalmente com um nome fantasia oferecendo outros serviços (boates, bares noturnos, hotéis etc.) e não como uma empresa do mercado do sexo. Com o auge da tecnologia e a disseminação das idéias liberais, o mercado do sexo tem crescido, há uma diversidade de produtos e serviços com diversos preços e qualidade (FALEIROS e FALEIROS, 2007, p.41).

A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes ocorrem de três formas, são elas: a pornografia, turismo sexual e o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. A pornografia diz respeito à comercialização e à utilização de material pornográfico que se encontram não só em fotos, vídeos, revistas, espetáculos, também na literatura, publicidade, cinema quando dizem respeito a um pedófilo que faz exposição de criança que são desejadas por eles.

Outra forma de exploração sexual e comercial é o turismo sexual, que ocorre geralmente em cidades turísticas nacionais e internacionais, envolvem-se geralmente mulheres jovens pobres e excluídas que vem de países do terceiro mundo. O serviço prestado é a prostituição que esta geralmente articulada com o tráfico de pessoas para fins sexuais e trabalho escravo. Os profissionais e empresas muitas vezes estão ligados, são muitas vezes os mesmos que promovem o turismo sexual. (FALEIROS e FALEIROS 2007).

O tráfico de pessoas para fins sexuais também é uma forma de exploração sexual e comercial definindo Nações Unidas como recrutamento, transporte, abrigo de pessoas para

fins de propósito de exploração sexual, coagindo essas pessoas seja por ameaças, uso da força, enganação, abuso de poder (NAÇÕES UNIDAS apud FALEIROS e FALEIROS, 2007).

As formas de exploração vão de acordo com os territórios e regiões, ou seja, nas cidades brasileiras onde foi desenvolvido o turismo, surgiu o sexo turismo, nas áreas de garimpo criaram-se os bordéis com mulheres escravizadas. Em Brasília existem as chamadas acompanhantes, que são garotas de programas. Existe também o turismo náutico, encontrado nos portos, além dos bordéis. E para satisfazer a necessidade sexual, de grupos de homens quando estão em obras, são criados bordéis.

Outro conceito de exploração sexual comercial é o contrato sexual e de trabalho no mercado do sexo, de natureza comercial e mercantil. Não existe nenhuma relação afetiva. A maioria das crianças e adolescentes exploradas é do sexo feminino e os exploradores são do sexo masculino (FALEIROS, 2000). De acordo com Faleiros (2000) a natureza econômica da exploração sexual comercial exige uma maior compreensão do que seria exploração, trabalho, mercado do sexo e comércio sexual, conceitos muito utilizados, mas com pouca clareza.

No mercado do sexo, onde o mesmo é constituído pelo trabalho sexual do adulto, da criança e do adolescente, gerando lucro para seus exploradores. A dívida é um dos fatores predominantes que levam as exploradas permanecerem submissas. Ela é adquirida antes e durante o contrato com os empregadores. Essa dívida diz respeito à moradia, roupas, produtos estéticos, serviços de saúde, alimentação entre outros. O contratante é quem toma conta dessa dívida, a qual a trabalhadora não tem acesso.

No livro “Os sete sentimentos capitais”, Glória Diógenes (2009) fala dos sete sentimentos capitais do ato de fazer programa, os quais foram percebidos a partir pesquisas feitas com crianças e adolescentes que se prostituem na rua. Os sentimentos apresentados pela autora são: o prazer, nojo, culpa preconceito, liberdade e autonomia, vaidade, medo.

Considerações Metodológicas

A presente pesquisa se utilizou da pesquisa qualitativa com o intuito de analisar o fenômeno que é tão complexo de uma forma mais ampla. Existem várias formas metodológicas de fazer pesquisas qualitativas, utilizando-se de diversos métodos e instrumentos de coleta de dados e análise dos mesmos. A análise de conteúdo é uma das técnicas que possibilita a análise de informações, além de investigar em especial conteúdo verbal, não verbal e escrito desenvolvido entre as pessoas. “Pode ser utilizada em textos

literários, em entrevistas e discursos” (DESLAURIRES e KÉRESIT, 2008 apud MELLO, 2009). Também há variações nos tipos de análise de conteúdo, a que iremos utilizar aqui na presente é a análise de conteúdo temática, é a mais tradicional e tem origem na teoria de Laurence Bardin (1977).

A análise de conteúdo temático objetiva entender de forma crítica o “sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou implícitas, podendo se utilizar diferentes procedimentos para a decodificação de um documento”. (MINAYO, 1993, e GOMES, 1994, apud MELLO, 2010). De acordo com Minayo (1993) a análise de conteúdo temática possibilita encontrar o sentido de uma comunicação quando se busca analisar com um determinado propósito.

Portanto, tendo como base essa perspectiva designamos categorias que visam atingir os objetivos proposto no presente trabalho. A forma de fazer os procedimentos deu a idéia de compor as categorias que a partir de agora iremos falar e que irá compor a análise de nosso trabalho com base na análise de conteúdo presente no livro “As meninas da esquina”:

- Categoria 1: como as adolescentes pensam suas vidas no mercado do sexo.
- Categoria 2: Fatores que levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA.
- Categoria 3: Modos de vida de adolescentes que vivenciaram o mercado do sexo.

Para a análise de dados utilizamos o livro “As meninas da esquina” de Eliane Trindade, livro composto de diários descrito por seis adolescentes de diferentes partes do Brasil, num período de setembro de 2003 e outubro de 2004, onde descreveram com seu próprio punho e através de gravações, seu cotidiano, desejos, sonhos e realidade.

Desejos, prazeres, sonhos e realidade: Análise de conteúdo.

Iremos explicitar aqui, o que cada categoria buscará analisar e mostrar os objetivos específicos que estão relacionados, a cada uma delas.

Categoria de análise 1: como as adolescentes pensam suas vidas no mercado do sexo.

A categoria 1, fala sobre em como as pensam suas vidas depois que que vivenciaram o mercado do sexo, diz respeito às falas onde as adolescentes descrevem sobre como pensam suas vidas no presente e no futuro a partir da vivencia no mercado, descrevendo seus desejos e sonhos de uma vida futura. Quais suas perspectivas se pensam em casar, ter filhos, viajar morar em outro estado ou país ou simplesmente ter uma casa para morar com seu esposo e filhos, ter o seu próprio cantinho, ter sua autonomia e liberdade quando conseguir um trabalho, onde irá ganhar seu dinheiro sem precisar se prostituir. Essa categoria atende ao

objetivo específico apontado na presente monografia: Investigar como as adolescentes pensam suas vidas a partir de sua vivência no mercado do sexo.

O contexto no qual, essas adolescentes se encontravam, possibilitou que elas enxergassem a Exploração Sexual Comercial, como uma saída para sua sobrevivência e de sua família, no entanto, por mais que elas vivam nesse mundo, pensam em uma vida futura diferente, tem seus sonhos e anseios como podemos ver nos diários, por exemplo, anseios de chegar à maioridade e conseguir um trabalho:

Não vejo à hora de ficar maior, vai ser bem mais fácil arrumar trabalho. A conclusão do ensino fundamental também vai ajudar.
(Yasmin, 17 anos, 12 de janeiro de 2004).

Além desejar arranjar um emprego, elas sonham em ter seu lar, seu espaço onde não ter que dá satisfação a ninguém, viver suas vidas de forma tranqüila e criar seus filhos como é o caso de Vitória que desde criança teve que enfrentar o drama de viver na casa de Dona Maria, pois sua mãe não podia levar seus irmãos e ela para o trabalho. Depois de ter seus filhos teve que deixá-los com sua irmã e sua mãe, pois ela trabalhava a noite no mercado do sexo e não podia levá-los,

Por muito tempo, minha irmã vai ficar cuidando dos meus filhos. Minha mãe também ajuda. É triste porque queria estar com meus filhos, cuidando deles num lugar só meu. Preciso muito terminar de fazer o meu quarto. (Vitória, 20 anos, 4 de outubro de 2003).

As seis adolescentes vivem em regiões diferentes do Brasil, mas enfrentam os mesmos dramas à sua maneira, como afirma Trindade (2010, p. 398), “elas sonham com um futuro no qual vivam com as pessoas amadas, possam morar com dignidade e tenham um trabalho que lhes garanta subsistência. Sonham com aquilo que é básico para qualquer cidadão”. Elas querem ser amadas e amar, poder ser mãe como podemos ver na fala de Diana, adolescente que está sob tutela de sua tia, pois sua mãe ex-prostituta é doente mental,

Tenho muita vontade de ser mãe, de ficar segurando e balançando o meu bebe no colo. Nunca fiquei grávida, mas já tive suspeita de gravidez umas duas vezes. (Diana, 14 anos, 7 de maio de 2004).

Esta fala de Diana reflete a produção de subjetividade baseada em nossa sociedade, onde se acredita que toda mulher tem desejo de ser mãe, esse é mais um exemplo e a nossa subjetividade de acordo com Guattari e Rolnik (1985) é formada de acordo com processos históricos, regras e normas impostas pela sociedade, e pelo contexto onde se vive.

Agora, estou ficando uma menina descente. Mas continuo fumando maconha (Milena, 19 anos, 20 de outubro de 2003).

Milena é uma adolescente que gosta de viver suas paixões de ir ao baile funk, roubar, mesmo assim nunca julga suas atitudes como corretas ou não, porém sua fala denuncia, que de alguma forma ela sabe que não está fazendo certo e demonstra desejo em mudar sua situação, como podemos vê na próxima fala onde ela tem força de vontade para ser uma boa dançarina como a sua professora.

A professora dança pra caramba. É muito lindo, mas também são anos e anos praticando. Nós começamos agora, vai demorar, mas vou chegar lá (Milena, 19 anos, 23 de outubro de 2003).

Agente dizia uma para outra que ia vencer muito na vida. Minha mãe queria que eu fosse modelo. Ela sonhava em ser enfermeira. (Natasha, 18 anos, 15 setembro de 2003).

Um dia isso vai mudar, tenho fé em Deus que vou se muito feliz. A lojinha abriu as portas. Agora, tenho um trabalho. Minha vida está mesmo mudando. Finalmente, deixei o Marcio. Não suportava mais essa história e as ameaças dele. Estou gostando de estudar a noite. (Britney, 14 anos, 10 de março de 2004).

Em meio a tantas frustrações e dores buscam ter esperança e desejam uma vida melhor saindo da vida que só trás angústias e tristezas. Projetam suas forças na filha que tem para criar, na sua fé em Deus ou num simples sonho de abrir uma loja de crochê, depositam suas esperanças e lutam, procurando terminar seus estudos, mesmo sem gostar de estudar.

A análise feita a partir desta categoria nos fez perceber que apesar de todos os empecilhos, mesmo estando nas situações em que se encontravam, (viciadas em drogas, vivendo na exploração para manter seu vício ou simplesmente para comprar algumas coisas básicas as quais, suas famílias não tem condições de comprar) elas sonham e desejam algo tão simples como poder estar no aconchego dos seus lares, recebendo o carinho daqueles que tanto amam, além de tudo elas acreditam que podem conseguir realizar seus sonhos, não se importando se haverá barreira ou não.

Categoria 2: Fatores que levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA.

Na categoria 2, foram analisados os fatores que levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA, já que são meninas em estado de vulnerabilidade e vivem geralmente em famílias

desestruturadas emocional e economicamente, onde tem que sair pra ruas desde criança para pedir dinheiro ou vender doces por influência e incentivo da própria família ou de amigos acabam entrando no mercado sexo. Algumas se permitem ser exploradas para ajudar a família, para obter sua liberdade autonomia ou simplesmente para poder consumir já que não encontra outra forma de conseguir dinheiro para comprar o que deseja. A presente categoria está relacionada ao objetivo específico: Identificar que fatores levaram as adolescentes a adentrarem na ESCCA.

Poderemos vê nas falas de Britney e Vitória que a miséria e o consumo são fatores que levam adolescentes a venderem seus corpos.

Já era noitinha, minha avó começou a chorar de fome. Ainda não tinha comido nada o dia inteiro. Comecei a chorar junto. Meia-noite meu tio trouxe comida, que coloquei no fogo. Só então fomos almoçar e jantar. Mas que bom que comi hoje. (Britney, 14 anos, 19 de novembro 2003).

Segundo Faleiros (2000) a pobreza e a exclusão são importantes fatores para a entrada neste mercado de trabalho, motivadas a querer se incluir via renda e consumo. E assim essas meninas vivem em meio ao querer e não poder. Começam a ser exploradas antes de sair da infância, submetendo-se a situações em decorrência de satisfação de um desejo por obter algo, seja ele supérfluo ou não.

Comecei a fazer programa quando morava com minha mãe em outra favela. Eu era pequenina e tinha um velho que enchia a casa de menina. Menina mesmo, tipo criança. Era um cara bem safado, que ficava me seduzindo, passando a mão em mim e chupando meu corpo. No final dava uns trocados e balinha. Até que um dia ele tirou minha virgindade. (Milena, 19 anos, 26 de setembro de 2003).

O contexto no qual vivem essas adolescentes contribui para a inserção na exploração. Podemos ver na fala de Milena que adultos se aproveitam da situação de pobreza e falta de maturidade delas. De acordo com Faleiros (2000) “proteção é aqui como condições de sobrevivência, traduzidas em salário, remuneração, alimentação, habitação, como no contrato de trabalho, na prostituição e no casamento” (p. 21).

Ao fim desta categoria podemos perceber como os fatores socioeconômicos estão inteiramente ligados à inserção de adolescente no mercado sexo, com o intuito de mudar suas

vidas e de sua família, ou até mesmo pra fugir do ambiente que só lhes trazem cobrança e sofrimento, encontrando na exploração sexual comercial uma possibilidade para obter sua liberdade e autonomia, podendo assim fazer parte da sociedade comprando coisas que antes não tinham condições. Além da miséria, a violência seja física ou sexual também são fatores que fazem adolescentes saírem de suas casas e viverem na rua, vivendo em outra realidade que vai moldando sua subjetividade e seu modo de ser, este último termo que será analisado no próximo tópico. A pobreza, o espaço em que moram, ou até mesmo a desestruturação familiar não são fatores determinantes para inserção no mercado do sexo, mas contribui.

Categoria 3: Modos de vida de adolescentes que vivenciaram o mercado do sexo.

Esta categoria é composta por falas onde retrata o modo de vida das adolescentes, como é seu cotidiano, modo de vestir, agir, de se relacionar com o mundo ao seu redor.

Fui pra ONG, passei pela entrevista, depois fui na casa daquele coroa, o Getúlio. Almocei com ele, fumei um baseado e vim pra casa. Arrumei o barraco e agora estou acabada, mas feliz porque chegou uma carta do meu amor que está preso, o Ricardo. (Milena, 19 anos, 25 de setembro de 2003).

No livro “As meninas da Esquina”, as adolescentes sempre falam em como foi seu dia, suas lutas, sentimentos. Milena, nos finais de semanas quando os “cunhados” (traficantes que pagam mulheres para satisfazer sexualmente os outros traficantes que estão presos) ligam e dá dinheiro, ela vai visitar Ricardo na prisão, ele a chama de “minha mulher”. Ela diz não amá-lo, mas gosta dele e sempre relata em seu diário que está com saudade.

Gosto de cuidar da minha casinha. Acordo cedo, faço comida e vou pra ONG. Estou cursando o supletivo à noite. Não gosto muito de estudar, mas preciso se quero ser alguém na vida. E quero muito. (Yasmin, 17 anos, ao abrir seu diário).

Yasmin é uma adolescente que passou sua infância na rua, vendendo chiclete, sendo explorada pela mãe que a obrigava a vender todos os dias. Com 9 anos foi acolhida pela ONG onde passou a frequentar saindo da rua, sua mãe só permitiu porque estava recebendo uma bolsa auxílio. Casou-se com Vavá, o qual a tirou da situação de miséria, então busca ser uma esposa dedicada que procura cuidar de seu lar e espera seu amado chegar do trabalho no fim

da tarde. Tem um sonho de ser mãe como a maioria das mulheres, porém tem consciência que sua situação atual não é propícia, então ela busca estudar com a esperança de um futuro melhor.

O acesso a alguns espaços sociais como a Defensoria pública, Tribunais entre outros são vetados para adolescentes como Natasha, pois de acordo com a sociedade não se vestem ou falam bem o suficiente para frequentar esses lugares mesmo quando é pra buscar defender seus direitos ou quando vai ser testemunha de um crime, tendo que enfrentar o preconceito, além de ter que vencer uma maratona para conseguir um advogado quando precisam como é caso de Natasha.

O judiciário desqualifica as meninas que estão prostituídas, afirmando que elas não prestam para cuidar de filhos, e não presta para ser testemunha, como podemos constatar na fala a seguir:

Ontem, quando saí da cadeia, estava mais revoltada do que quando entrei. Fui direto para a defensoria pública para tentar conseguir um advogado de graça... Dormi na escada. Era a primeira da fila, mas a mulher não me deixou entrar porque eu tava com uma roupa muito curta. Foi revoltante, passei a noite todinha lá e nada. (Natasha, 18 anos, 13 de abril de 2004).

Na fala abaixo podemos constatar o quanto essas adolescentes estão vulneráveis, como a nossa sociedade é altamente excludente e como essa exclusão está relacionada ao não poder consumir, além de vivermos em uma sociedade que projeta imagens, sendo a mídia o maior instrumento desta propagação conduzindo homens e mulheres a viverem em uma corrida desenfreada na busca de serem aceitos.

Na minha escola todos gostam de mim ou fingem gostar por medo. Logo no segundo dia de aula, fui suspensa porque bati numa menina. Fui tirar satisfação com ela, que tinha batido noutra garota, ela me ignorou e eu saí capotando ela. Fui parar na coordenação e ainda disse barbaridades na cara do diretor. (Natasha, 18 anos, 20 de novembro de 2003).

De acordo com o modelo de comportamento de nossa sociedade, garotas como Natasha não estão dentro deste padrão e muitas vezes como afirma Trindade (2010, p. 340), “diretores, orientadores e professores não sabem lidar com adolescentes maduras, espertas e rebeldes”, e por não estarem preparados para lidar com adolescentes que tem esses

comportamentos, no lugar de incluí-las no contexto escolar, excluem cada vez mais, acreditando que o remédio é fazer encaminhamentos policiais e médicos.

Na hora, eu não queria fazer doía muito. Então, ele ficava dizendo que não ia doer mais, enquanto amarrava minhas mãos e meus pés e botava o bagulho na minha boca. Eu tinha uns 12 pra 13 anos, nem tinha namoradinho ainda. (Milena, 19 anos, 26 de setembro de 2003).

O desespero e a falta de esperança em poder mudar de vida, além de vários problemas familiares, levam o jovem a querer tirar sua própria vida. Adolescentes como Natasha e Britney vivem um drama em suas vidas, um histórico familiar desestruturado, além de sonhar em ter uma vida diferente e não conseguir por inúmeros fatores.

Considerações Finais

Os relatos presentes em cada diário reforçam mais ainda que apesar de tudo que passaram na vida, essas meninas não desistiram de desejar, de sonhar com uma realidade diferente, deixando seu passado pra trás em busca de felicidade. No entanto seus desejos e sonhos não estão em ter futuramente o carro do ano, uma mansão ou ser rica, elas simplesmente querem ser felizes ao lado de quem possam amar e ser amadas (TRINDADE, 2010), querem ter seus lares onde possam morar com seus esposos e filhos, querem cuidar de alguém já que não foram cuidadas por ninguém, desejam ter sua dignidade respeitada, e se sentirem gente, seres humanos que tem seus direitos e deveres.

Ao fim desta análise concluímos o quanto é complexo a fenômeno estudado, e não é simplesmente porque crianças e adolescente decidem ir fazer parte da exploração, elas muitas vezes se vêem obrigadas para que elas e sua família não passem fome.

È necessário levar a sério a causa da criança e do adolescente, a qual deve ser prioridade e é dever do estado e da sociedade suprir as necessidades básicas destes, que são sujeitos de direito e pessoas em desenvolvimento. Formular projetos e programas que venham inseri-los no meio social, onde poderá desfrutar da educação, saúde, lazer, de tudo que de acordo com o ECA são direitos deles, deixando de ser cuidadores para serem cuidados, não necessitando viver na exploração sexual comercial para a si e sua família.

Então, o que podemos fazer diante desta realidade tão complexa? Políticas públicas para atender essa demanda já existem, mas infelizmente não são eficazes como deveriam, é necessário haver a participação de todos nós que fazemos parte desta sociedade a qual está implicada nesse sistema perverso que só visa lucro. Porém, não se pode deixar de lado a

utopia, não podemos deixar de sonhar com uma sociedade mais justa e melhor, onde nossas crianças e adolescentes tenham seus direitos respeitados e sejam respeitados.

Referências

BRASIL, **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Criança e do adolescente à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília, 2006.

BAZÍLIO, L. C.; NORONHA, P. A.; SÁ EARP, M. de L.(Org.). **Infância tutelada e educação: História, política e legislação**. Rio de Janeiro: Raval, 1998.

COUTO, I. A. P. de; MELO, V. G. de. Reconstruindo a história do atendimento à infância no Brasil. In: BAZÍLIO, L. C.; NORONHA, P. A.; SÁ EARP, M. de L.(Org.). **Infância tutelada e educação: História, política e legislação**. Rio de Janeiro: Raval, 1998.

DIOGENES, Glória (org). **Os sete sentimentos capitais**. São Paulo: Annablume, 2008.

FALEIROS, Eva T. Silveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e Exploração sexual de crianças e de adolescentes**. Brasília, 2000.

FALEIROS, Eva Silveira; FALEIROS, Vicente de Paula. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 1 ed. Brasília, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MARTINS, S.; PRADO FILHO, K. **A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s)**. Psicologia & Sociedade, Florianópolis, v. 19, n. 3, p.14-19, 2007.

MELLO, L. C. de A. **Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescente: o estado da arte nas produções acadêmicas em Psicologia**. 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFRN, Natal, 2010.

ROLNIK, S. **O caso da vítima. Para além da separação entre criação e resistência**. Revista lugar comum: Estudos de mídia, cultura e democracia. Nº 18, nov.2002- jun. 2003, p.29-40.

SILVA, Roseane Neves da. **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TRINDADE, Eliane. **As meninas da esquina**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.